

Um Tigre Não Bebe Tisanas

I. Nascimento e infância. Imagens com pássaros. A Importância de Josefa

No dia 23 de Novembro de 1962 os sinos repicam festivamente, durante dezassete intermináveis horas, na igreja de um bairro da zona ribeirinha de Setúbal. Estavam avariados.

Mas, e isso é que interessa, a perto de 300 quilómetros, na secular e conservadora Betesga de Olivandros, terra das tronchudas de amendoim e do poeta Morgado Nave, nascia, à mesma hora, José Augusto Toledo de Guimarães Luís, o primogénito de um jovem casal que, por motivos de saúde (alergias), decidiu fixar residência na terra.

Filho de António Augusto Toledo de Guimarães Luís e Josefa Luísa Maria de Gromijo e Astor Prates, o pequeno José Augusto passa a infância na idílica vila beirã onde pesca achegãs, despedaça ninhos de cotovias e frequenta, de calções demasiado justos, a escola primária.

O pai, António Augusto, é um médico comunista que, por respeito aos seus princípios, renega à fortuna incalculável da família, perdendo-a propositadamente ao jogo.

A mãe é uma inconformada duquesa que acha Betesga de Olivandros pouco cosmopolita comparada com Viena de Áustria e se vinga no velho piano da Igreja, tocando composições suas (uma delas, a estranha ode à infância e às madeiras exóticas, "Balança, Meu Cavalo de Pau Preto, Balança" é hoje o hino da vila).

António Guimarães Luís é preso várias vezes pela PIDE-DGS por ser comunista e porque conduz mal. Josefa tem depressões nas vindimas. Estes factos, e outros de menor interesse (como o estranho assassínio à pedrada do seu primo Daniel por um grupo de seminaristas), marcam o jovem Augusto.

Na escola o comportamento do rapaz preocupa. A certa altura, e a culminar uma série de declarações infelizes, os pais são chamados porque o aluno, José Luís, escreve numa redacção que gosta de homens.

O pai desdramatiza dizendo que também ele pensou assim até ter onze anos, altura em que viu uma roliça prima a tomar banho com sabão macaco e se virou para o sexo feminino com tal apetite que até se engasgava só de ver um pescoço desnudado.

O caso acaba abafado e os dois jornais de Olivandros, "A Folha da Betesga" e o "Cornetim da União Nacional", apenas tocam o assunto ao de leve, preferindo

claramente temas mais positivos como, por exemplo, o relato da inauguração de um garboso busto de Morgado Nave, o trovador (ou o trovejador, quando bebia, ou seja sempre).

Esta cerimónia contribui muito para o futuro do nosso Guimarães Luís. Com nove anos assiste à justa homenagem prestada ao poeta da terra, na altura septuagenário. No fim ouve-o dizer, no discurso de agradecimento, e enquanto olha fixamente para a estatueta desta que lhe é dedicada e para o autor desta: “Chiça, que fiquei feio como os cornos”.

Esta singela e genuína declaração altera a vida a Luís (e também ao escultor que durante tempo teve problemas em fazer bustos). A partir Guimarães daí decide ser toureiro.

A tradição por parte da mãe permitia o toureio a cavalo. O pai, por motivos ideológicos, só gostava de toureiros porque eram bons para a porrada. Mas Guimarães Luís decidira-se pela arte da bandarilha. Pouco distinta para a mãe e politicamente ridícula para o pai, esta opção é-lhe negada. Aos treze anos pensa suicidar-se até que ouve, por engano, um desinteressante disco dos “Golden Palominos” e descobre que quer escrever. Morre o bandarilheiro que há dentro do jovem José, mas nasce o romântico praticante e adepto da consumação. Talvez por isso as melenas da sopeira (que, tal como sua mãe, e por uma coincidência edipiana, se chamava Josefa) tenham sido alvo dos primeiros poemas do jovem e, os segredos guardados

entre as coxas da rapariga, um alívio para a sua atarefada mão esquerda. Sim, porque Luís era canhoto.

*II. A Juventude na capital. Sinais de mudança.
Incidente com um poster.*

Em 1972 dá-se uma radical mudança na vida de José Augusto. A família muda-se de Betesga de Olivandros para a capital, e o seu pai morre, pouco depois, não aguentando separar-se da caçoilada de melros que uma afamada tasca da Vila fazia às quintas.

Guimarães, de dez anos e corpo franzino, tenta dezasseis vezes o suicídio atirando-se para o telhado do quartel dos bombeiros contíguo à janela do seu quarto. Numa dessas tentativas acaba por ferir sua mãe que fica cega de um olho.

Seguem-se anos difíceis. As propriedades da família Astor-Prates acabam penhoradas. Aos poucos (semanas), passam de desafogado triplex na Lapa, para um seis assoalhadas na Madragoa com vista para o Rio (de uma das casas de banho), até acabarem numa sub-cave nas traseiras de uma retrosaria, que também servia de filial do clube de pugilismo de Coimbra, "Os Luvas do Calhabé".

Com doze anos assiste ao 25 de Abril tolhido por uma mononucleose infecciosa. A excelente equipa de médicos que o acompanha (Curry Cabral), não consegue explicar cabalmente porque motivo o jovem agride os seus companheiros de quarto mais idosos com bolachas de baunilha da Cuetara (rejeitava Triunfo ou Nacional).

Acabam por lhe dar alta, mas demitem-se pouco depois, não aguentando a pressão de terem tomado tal decisão. O chefe da equipa, o Professor Doutor Magalhães Linóleo (1921-1974), acaba mesmo por desistir da medicina para se dedicar à escalada e é o primeiro português a tentar escalar a Basílica de Santa Sofia na Turquia, no dia 30 de Dezembro do ano de 1974.

Com catorze anos Luís envolve-se na política a fundo e tenta desesperadamente fundar um partido com dois colegas de liceu e um sem abrigo de nome José Miguel (o único maior de idade).

O Partido Anarquista de Todos os Operários (PATO) acaba por ter uma curta existência e passaria despercebido se o seu líder, Luís, não se tivesse tentado imolar pelo fogo em frente à embaixada da Bélgica.

O porquê da escolha da frontaria da embaixada da Bélgica para tão tresloucado acto é um mistério. Guimarães sempre se recusou a comentar o que quer que fosse relacionado com o assunto, chegando a engolir uma lista telefónica de Lamego para não ter que dar explicações.

Guimarães Luís, inconformado com a sua primeira experiência política, forma dois anos depois o braço armado de um partido que ainda não existia, mas que ele considerava ser uma sequência lógica da conquista do poder. Dois atentados com cocktails molotofs e uma tentativa de execução sumária de um contínuo da escola que frequenta levam a que nem braço armado, nem partido, se firmem junto da sociedade portuguesa.

Guimarães Luís é preso no gabinete do director, açoitado e mandado para casa.

Mas Guimarães era já, nesta fase, um homem multifacetado. Escreve para dezenas de jornais que recusam quase sempre os seus artigos inflamados e próximos da insatisfação patológica. Escreve ainda poemas de carácter revolucionário com que enfeita os rótulos das garrafas de cocktails molotof que vende a grupos terroristas e alcoólicos que o julgam um barman mais criativo que o normal.

Aliás, este negócio é outra das suas actividades. Fabrica todo o género de armas artesanais e cria-se o mito de que tem contactos com vários grupos terroristas internacionais e grupos de libertação. Durante meses desaparece e alguns falam que terá estado nas montanhas de Goresh Alor, nas ilhas do Pacífico Tuntaike Pah (que significa, Peixe Feliz) a ministrar formação de fabrico de armas artesanais para a guerrilha local, os Tigres da Primavera.

Nunca foi confirmado que tal tenha acontecido, mas um relatório da CIA denuncia a presença fugaz de um estranho instrutor que se fazia acompanhar de um saco com bolachas baunilha (espanholas, segundo o relatório confidencial agora publicado), de apelido Luís no arquipélago. Mais um mistério que a história encerra no seu seio e que nos faz perguntar a todos, um pouco por toda a parte: E Josefa?

Mas a actividade que mais marca a juventude de Guimarães Luís é a sua genial capacidade de fazer

cartazes de propaganda, posters e autocolantes. É aliás esta mania gráfica que o leva a coleccionar posters de tudo. Carros, Moinhos holandeses, mulheres nuas e, especialmente pop e rockstars. Parece demasiado pueril que um ser tão idiossincrático se interesse por semelhante disparate, mas a verdade é que Guimarães tem uma estranha atracção sexual por posters.

Pratica furiosamente o onanismo perante as imagens dos seus posters.

Consegue ver motivos sensuais fortíssimos num poster com imagens de hipismo da Inglaterra vitoriana, ou numa idílica reprodução de edifícios italianos da renascença, ou ainda, nas páginas centrais de uma Playboy (inclusive a edição de Maio de 1973, com Hugh Hefner de roupão e óculos).

Mas é com um poster da sua banda preferida, um obscuro duo de suecas de origem grega cujo o maior sucesso foi "The Brutal Nose of My Family", que acaba por acontecer o acidente.

Adepto do perigo das práticas sexuais em locais públicos, acaba por ser apanhado a masturbar-se com o poster das "Bjorn-Savalas Ensemble" na mão direita, nas instalações de uma Cooperativa Agrícola.

Tudo não passaria de um incidente de fácil resolução, se no dia em questão não estivesse a ser feito no local, em directo, o famoso programa do Engenheiro Sousa Veloso, "TV Rural".

As imagens de Guimarães Luís em plena actividade acabam por ir para o ar e, apesar de poucos se terem apercebido do que se passava (o programa era emitido após a Eucaristia Dominical), o escândalo acaba por rebentar através de um processo movido por Alan Riggs, o empresário da banda que, acidentalmente, viu o programa no avançado da sua roulotte em Silves (Algarve), onde passava férias.

Depois de os produtores do programa terem declinado facilmente quaisquer responsabilidades, foi o jovem Luís que teve de pagar uma indemnização à banda através da penhora de um relógio de bolso em ouro que lhe tinha sido oferecido pelo seu avô materno que o ganhou nas suas campanhas militares em Moçambique caçando espécies de felinos à beira da extinção.

A banda, por sua vez, utilizou a indemnização para pagar uma outra indemnização que o seu empresário tinha pendente por burla, abuso de confiança e lavagem de cuecas da marca Paco Rabanne num chafariz público. Guimarães ouviu umas bocas durante uns tempos, mas o episódio acabou por ser, aos poucos, esquecido. Mas este incidente com um poster acabou por ter uma influência determinante na vida do jovem. Muito antes do conceito se ter globalizado já Luís se decidira a praticar apenas e só sexo seguro.

III - A faculdade e o deboche. Os Tempos Derradeiros. O Atentado.

Durante a faculdade Guimarães Luís vive dois períodos completamente distintos: O primeiro, e o segundo.

No primeiro entrega-se furiosamente ao mais vil e mítico deboche de que há memória, fazendo lembrar, segundo alguns amigos mais chegados, o Ron Jeremy num remake hetero de Sodoma ou...*, de Pasolini.

Diz-se mesmo que Luís tenta o sexo com tudo o que mexe e se apresente com órgão reprodutor feminino, o que lhe vale, inclusive, a expulsão de casa de um tio ovicultor na Covilhã numas férias.

Da mesma forma, entrega-se à bebida numa fúria descontrolada. Consome tudo o que se apresente no estado líquido e possua álcool na sua composição (inclusive tintas e diluentes) e, numa loucura suicido-experimentalista, beberica mesmo alguns sólidos, o que lhe provoca lesões irreversíveis na laringe e lhe estraga um fato de treino da Puma.

Assim, num período de menos de dois anos, o jovem Guimarães leva uma vida que faz de Erofeév ou Bukowski duas alunas das Doroteias.

O segundo período da sua vida universitária é diferente do primeiro. O que dá imenso jeito, porque nos permite

estabelecer uma barreira mais clara entre os dois períodos.

Guimarães Luís vê, nesta altura, o seu nome várias vezes envolvido em escândalos, ora relacionados com a prática de sexo em cabines telefônicas, ora relacionados com ocultismo. Coisa que só acontece por engano. É que noutra curso há outro Guimarães Luís, esse sim um libertino amante do sobrenatural e do sexo em espaços confinados a telecomunicações.

Mas o verdadeiro Luís não experimenta a droga. Pelo contrário, inverte o seu estilo de vida e torna-se um asceta que não bebe, que raramente se envolve em actividades sexuais e que defende o culto do corpo acima de tudo. Chega a confessar a um amigo:

- Deixei, inclusivé de me masturbar. Se quero ser um homem novo tenho de começar por ser mais selectivo em relação às pessoas com quem pratico sexo.

e pratica ginástica de uma forma fervorosa enquanto escreve textos em que exalta a virtude da preparação física. Às vezes, faz as duas coisas ao mesmo tempo, o que prejudica a posterior leitura dos manuscritos.

Guimarães é uma espécie de Mishima luso, igualmente suicida e até, talvez, de pensamento mais complexo. Apenas os distinguem alguns pormenores como a raça, a infância de um e de outro, o uso de paninhos com transparências em torno da cintura para receber rapazes amigos, e a adopção do japonês como língua principal no

dia-a-dia por parte do escritor nipônico, coisa que Luís sempre recusou.

Guimarães faz exercício seguindo o método das forças especiais israelitas. Envolve-se politicamente, mas só lhe interessa a actividade dos braços armados das organizações. Insiste em colocar bombas em todo o lado, defendendo que a justificação para os actos poderá perfeitamente ser encontrada a posteriori, com uma análise cuidada das circunstâncias e das vítimas.

Assina crónicas belicistas e agressivas na revista "A Cavilha", e no jornal de distribuição voluntariamente clandestina, "Nó Górdio".

Um dia a sua oportunidade surge. O presidente interino da Associação de Alunos da Faculdade chama-o para uma reunião às duas da manhã numa cave da Reitoria. Luís e mais dois outros operacionais são escolhidos para uma missão da qual depende o futuro político do país e, também, a festa de finalistas desse ano, numa pousada de Tomar.

Um inspector de educação, possivelmente engajado com o poder estatal (o que era, de certa forma, normal, visto que se tratava de um funcionário público a cumprir ordens), iria verificar a regularidade de algumas aprovações em cadeiras que se suspeitava serem apenas administrativas e fruto de uma avaliação ou acção negligente ou até corrupta por parte de funcionários e professores. Estaria assim em perigo a conclusão do curso de vários alunos que já tinham adiantado dinheiro para a festa de finalistas. Algo considerado de

politicamente muito atentatório dos direitos acessórios, e logo essenciais, por não serem permitidas gradações entre o essencial e o acessório, na classe estudantil. Por isso a acção era, na altura, o único meio possível de restaurar a justiça.

O plano era simples, como todos os planos geniais. Embora este não o fosse, claro. Consistia em pegar numa bomba relógio, coloca-la na bagageira da viatura da associação de alunos e leva-la até junto do carro do Inspector, que se encontrava estrategicamente estacionado na rua onde este residia. Aliás, todas as noites o automóvel estava lá estrategicamente colocado, por uma razão muito simples: o homem estacionava o carro ao pé de casa sempre que encontrava aí lugar.

Depois, os operacionais deveriam esvaziar os pneus do automóvel do Inspector e abandonar de imediato o local da acção. Por outro lado a bomba deveria ser largada numa lixeira longe do local para não levantar suspeitas. Assim, utilizava-se, na acção, um engenho explosivo. O engenho nunca chegaria a explodir, mas dava credibilidade à operação.

Guimarães não queria só a credibilidade, o sucesso, ou a eficácia. Queria derramar sangue. Ele era uma célula. Um guerrilheiro. Um homem de acção. As suas palavras aos colegas de golpe, antes de os prender a todos, foram bem claras:

- Não quero apenas largar a bomba numa lixeira normal. Quero largá-la nessa lixeira humana, nesse objecto

funcionário do estado e da ordem, que é o covil do inimigo! Morte ao instituído!

Os seus colegas olhavam-no amordaçados, aterrorizados e impotentes para travar o camarada de missão. Luís saiu assim mais cedo que o previsto, e dirigiu-se a casa da vítima a quem tinha dado o nome de código de, Libério Aipim (que, embora ninguém nunca se tenha apercebido, era, por coincidência o nome verdadeiro do funcionário).

Tocou a campainha e, quando este abriu a porta, deu-lhe a bomba na forma de uma encomenda com o temporizador programado para daí a quinze segundos. Antes de descer as escadas em desenfreada correria disse ao estupefacto funcionário:

- Toma, pulha! Eis um presente dos que não se vergam, para os que têm as mãos sujas de carimbos e da ferrugem do agravo!

Morre burocraaaaa... (a frase ficou assim inconcluída porque Guimarães cai ao fundo da escada e perde os sentidos).

Felizmente, por incompetência dos fabricantes (uma fábrica de bombas de Carnaval e bichas de rabião, da Rebelva), a bomba não explodiu. Mas Luís não soube disso, porque, como já foi referido, tropeçou na escadaria, bateu com a cabeça e entrou em coma profundo.

Quanto ao funcionário público só viria a falecer dois dias depois quando foi informado que a encomenda era na

realidade um engenho explosivo. Foi a enterrar dias depois no cemitério dos Prazeres, quebrando uma tradição do funcionalismo público daquele tempo que consistia em cremar os colegas e espalhar as cinzas em frente ao Registo Nacional de Pessoas Colectivas.

Em vez disso organizou-se um espectáculo de nome "Upon Reflection" (baseado na música e obra homônima de John Surman), da Companhia Amadora de Bailado Contemporâneo dos Funcionários do Registo Automóvel, nesse ano com uma belíssima e comovente coreografia do responsável nacional pelos livretes, Fragata Lopes.

Enquanto isso Guimarães é constituído argüido, mesmo estando em coma, o que dificultava claramente o seu interrogatório nos primeiros tempos do julgamento e o desenrolar do processo.

Certo dia, num assomo de lucidez, Luís foge da carrinha que o transportava do Hospital Presídio para o Tribunal. A partir daqui tudo assume contornos menos claros. Uma vida que era, até aqui, quase normal e sem uma centelha que a distinguisse, torna-se mítica e cheia de contornos lendários.

Uma vida que passou a figurar nos poemas dos jovens poetas portugueses ou de expressão portuguesa, como Borracho Lima, Mamão Malange, Tati Levira ou o pernambucano, Lorival Cabral de Mello (primo de um cunhado de Mello Neto*).

Quando finalmente recobrou a consciência total percebeu que tinha sido ajudado na fuga, embora de forma

encapotada, pelos colegas de curso. Estes, de uma forma subliminar, facilitaram-lhe o acesso a um bimotor fretado a uma empresa angolana (um Tupolev sem uma parte considerável da asa direita e com trem de aterragem para a neve, mas que tirando isso estava impecável), e que seguia para as Antilhas Búlgaras.

E assim despacharam o incómodo companheiro até que a poeira assentasse e as coisas acalmassem. O que ainda demorou algum tempo, dado porque, de facto, o avião provocou muito pó e alguns protestos violentos de moradores das zonas contíguas ao aeroporto.

Guimarães sentiu-se traído e jurou nunca mais voltar à sua pátria. É então que desaparece misteriosamente para dar lugar a todo o gênero de boatos, lendas e receios. Entre os que o tramaram sucederam-se os suicídios, os ataques e internamentos por demência e o tifo culposo, uma variante esquecida da doença que se desenvolve pelo remorso agudo, pelo medo, e pelo estado de fragilidade que estes provocam.

IV - O Desaparecimento Prematuro. Onde estás tu, companheiro?

Diz-se, à boca fechada, aberta e semi-cerrada, ou seja de todas as formas, que Guimarães foi agente duplo da Mossad e do MI5.

Diz-se que abriu uma retrosaria só para sócios em Carcóvia.

Fala-se de que esteve na Legião Francesa e à frente de um grupo de mercenários da Rodésia de nome "Les Chiens Brulées".

Mas a única imagem sua que existe até hoje é a colhida por um vídeo amador em 91, no Senegal. Luís, ou alguém que parece ser Luís, apesar da barba cerrada e do gancho numa das mãos, treina um grupo de homens a quem obriga a entoar a seguinte cantilena marcial:

*Somos Tigres,
Não bebemos tisanas.*

*Nossos sabres cortam
As gargantas ao inimigo.*

*Somos os que não se vergam.
Não conhecemos o medo*

E coleccionamos posters.

*Em breve enviaremos
Para a outra margem
Os que têm as mãos sujas.*

Morte aos burocratas e ao instituído!!!

Em seguida o grupo treina técnicas de defesa pessoal, enquanto ouve incessantemente, num gira-discos de alta fidelidade, "The Brutal Nose of My Family", ou, "Balança, Meu Cavallo de Pau Preto, Balança". O som sai por gigantescas colunas compradas a Scull Pelagra, empresário de uma banda de heavy metal turca de nome, "Assassin Diadema".

Tudo indica que seria mesmo este o nosso homem. As pistas são muitas e credíveis. Mas, a certeza absoluta, no caso de José Augusto Toledo de Guimarães Luís, nunca será possível. Nunca.

Contudo, resta a definição que se pode fazer do ser humano de que falamos. E a opinião mais aceite acerca de Guimarães, tanto entre a doutrina, como entre o público, é a do seu biografo oficial, o luso-paquistanês, Orlando Lagerloff Soares, que disse uma vez, depois muita investigação:

- Guimarães Luís é, depois de uma análise cuidada, o grande e, talvez mesmo único títere da história portuguesa.

É uma opinião.